

nara roesler

**essa cidade
sempre maravilhosa**

curadoria theo monteiro
roesler curatorial project

alberto baraya
ana hortides
andré griffo
arthur chaves
celo moreira
elian almeida
jaime lauriano
marcos chaves
priscila rooxo
raul mourão
vik muniz
yohana oizumi

nara roesler rio de janeiro
abertura 29 de fevereiro
exposição 29 fev – 6 abr, 2024



**essa cidade
sempre maravilhosa**
theo monteiro

Meu nome é Ismael Silva. Nasci em Jurujuba, em Niterói, e fui para o Rio, essa cidade sempre maravilhosa, aos três anos de idade. Fundei a primeira escola de samba no bairro do Estácio de Sá. E pelo tempo venho fazendo minha música. Eu espero que vocês gostem.

—**Ismael Silva**, em *Antonico*

Os versos acima constituem uma espécie de “apresentação” que o antológico Ismael Silva (1905–1978) faz de si mesmo antes de entoar o *Antonico*, samba de sua autoria e de grande sucesso. Silva não foi apenas de um sambista do mais alto calibre, mas também (e principalmente) um dos precursores do carnaval carioca tal como o conhecemos. Ao lado de outros sambistas do bairro do Estácio de Sá, fundou a agremiação carnavalesca Deixa Falar, em 1928, que veio a se tornar a primeira escola de samba de um dos carnavais mais famosos do planeta. Não deixa de ser curioso que, mesmo sendo uma figura de suma importância para a consolidação da identidade do Rio de Janeiro, se apresente nesta introdução como um forasteiro. Não só isso: em sua fala, se percebe um tom de algo irônico. Clichês e expectativas como: “essa cidade sempre maravilhosa” e “eu espero que vocês gostem” estão embebidos em uma certa galhofa, característica de quem conhece as coisas por dentro e, ciente de sua complexidade, entende que certos lugares comuns não passam de frases de efeito vazias. Ao mesmo tempo em que adjetiva o Rio como: “essa cidade sempre maravilhosa”, pode-se depreender, pelo tom usado, que a coisa

não é tão simples assim. Existem mais coisas entre a Praia de Jurujuba e o Cristo Redentor do que sonha a nossa vã filosofia.

Esta exposição não tem como objetivo desconstruir ou destruir elementos referentes à identidade da antiga capital do Brasil. Isso seria uma tarefa pretensiosa e potencialmente desrespeitosa. A proposta aqui é justamente a de mergulhar na vertiginosa complexidade do Rio de Janeiro contemporâneo, cidade que desempenha papel decisivo na formação cultural e política do país. E esse mergulho se dá, justamente, através da produção de doze artistas contemporâneos. Boa parte deles cariocas. Quase todos brasileiros. As exceções acabam por nos mostrar que o alcance das situações e questões vividas pelo Rio de Janeiro já transcende os limites do município, se fazendo presente também em outras regiões do Brasil e alimentando o imaginário estrangeiro.

A exposição se divide em duas partes, distribuídas entre os dois pisos da galeria. Os trabalhos do piso inferior são mais voltados para elementos presentes no cotidiano da cidade. Caso, por exemplo, de sua paisagem idílica, reconhecida em todo o mundo e uma das principais responsáveis pela fama de “maravilhosa” que a mesma carrega. Aqui ela aparece em um trabalho da série *Dinheiro Vivo*, de Vik Muniz, em releitura que o mesmo faz do artista oitocentista alemão Johann Moritz Rugendas. Enquanto o pintor germanico transforma a faixa costeira da cidade em um edênico paraíso perdido, Muniz, por meio de cédulas picadas de Real, lhe confere um colorido exagerado e artificial.

Contrariando a lógica de parte das grandes cidades, nas quais os subúrbios são bairros

longínquos, no Rio, por força de seu peculiar relevo, eles são uma realidade próxima, frequentemente se misturando com áreas mais gentrificadas. Desse contexto, surgem interessantes desdobramentos, como o saber construtivo da arquitetura vernacular, que Ana Hortides explora por meio de pisos de caquinhos de cerâmicas e paredes de concreto coloridas com pó xadrez. Cores e texturas mais ásperas, mas nem por isso menos cheias de vida. Essa mesma aspereza cromática também aparece nos cenários das pinturas de Priscila Rooxo, artista da baixada fluminense. Os espaços que constrói em suas composições, de grandes áreas de cor (nas quais predominam os acinzentados), são povoados por homens e mulheres (as segundas são maioria) envoltos tanto em atividades cotidianas quanto em momentos de lazer. Se os cenários são aparentemente áridos, o mesmo não se pode dizer daqueles que lá habitam, em especial porque a artista detalha bastante suas roupas, cabelos, unhas, adereços e festividades, que são representados de forma a celebrar orgulhosamente toda uma pujante cultura vigente para além da zona sul da cidade.

Se em Rooxo e Hortides existe certa economia visual, no trabalho de Celo Moreira a cacofonia urbana carioca transborda de forma asfixiante. Latas de cervejas, letreiros do comércio popular, personagens de desenhos animados, mascotes publicitários, templos evangélicos e panfletos de políticos duvidosos compõe aquilo que seria o espírito pop carioca do Século XXI, com excesso visual barroquizante e sarcasmo cético.

Contra-pondo-se a essa profusão de signos, estão os gradis metálicos de Raul Mourão empoleirados sobre garrafas, que se alternam

entre um cinetismo gracioso e uma fantasmagoria, sobretudo por fazerem menção à violência que assola as cidades, levando os edifícios a se cercarem de toda a sorte de anteparos, como cercas elétricas, arames e gradeados. No vídeo *Bang-Bang*, essas estruturas, frágeis e instáveis, são alvejadas por tiros, fazendo-nos lembrar que a desigualdade social, elemento indisfarçável na cidade e no país, cobra seu preço. Essa situação, dramática, não vem de hoje, como nos mostra Jaime Lauriano em um inédito trabalho da série *Pedras Portuguesas*. Essas pedras são um cartão postal da cidade *sempre* maravilhosa, amplamente empregadas no calçamento de suas famosas praias. Nesse trabalho, Lauriano grava sobre as mesmas a palavra “Valongo”, remetendo ao antigo porto escravista de mesmo nome que existiu na cidade entre os Séculos XVIII e XIX, cujo qual era uma das maiores portas de entrada de pessoas traficadas da África que já existiu na América. Símbolo de uma das maiores feridas da História nacional (e da cidade), o mesmo acaba nos apontando que as raízes da assombrosa desigualdade que nos esmaga tem raízes remotas.

Arthur Chaves, por seu turno, lida com materiais descartados e esquecidos, em especial tecidos, mas também plásticos e outros detritos que se acumulam pelas ruas da cidade. Em sua mão, por meio da costura, são recombinados em estruturas misteriosas e elegantes, transitando entre majestosas fantasias, seres monstruosos ou simplesmente outras possibilidades pictóricas. O que se sabe é que esses complexos arranjos, que emergem dos detritos da cidade, evocam toda a sorte de fantasias, desafiando a lógica do dia a dia e falam de algo maior, renunciando aquilo que será visto no piso superior.

Subindo as escadas, o cotidiano e sua materialidade ficam em segundo plano, e os assuntos do espírito e da alma vêm à tona. Em uma cidade onde a vida se faz veemente, o transe, o culto e o sonho desempenham um papel crucial, são uma forma de extravasar e sobreviver. A começar pelo vídeo *Maracanã*, de Marcos Chaves, que mostra o famoso estádio de mesmo nome lotado, porém com todas as luzes apagadas, iluminado somente pelas lanternas dos celulares do público presente. Ainda que associado ao lazer cotidiano, o referido estádio é carregado de um forte simbolismo que só a lógica e a sociologia não dão conta de explicar. O mesmo pode-se dizer do retrato que Elian Almeida faz do já referido Ismael Silva, criador da primeira escola de samba. Como o futebol, o carnaval consiste em uma explosiva celebração, na qual toda a sorte de fantasias entram em cena. Aqui, Ismael Silva deixa de ser apenas um mero mortal e se torna uma espécie de figura mitológica, agora devidamente eternizado.

Os assuntos da alma, contudo, também podem levar o humano a sombrios porões. E é isso que nos apresenta André Griffo em seu *Deus talvez seja meu ditador favorito*. Falamos de uma cidade onde a fé, desde o período colonial, desempenha papel crucial, e ainda hoje constitui assunto de primeira importância, dado que abriga um dos maiores contingentes neopentecostais do Brasil. Um olhar menos atento pode colocar o trabalho de Griffo como algo arcaico, pré-renascentista. Contudo, pode se observar que seus anjos, santos e figuras de culto empunham armas e diversos outros elementos que dizem respeito a uma violência mais atual do que nunca. O potencial despótico da fé também aparece na poética de Yohana Oizumi, aqui presente com o trabalho *Verbo*, cujo título faz menção a abertura presente no primeiro capítulo do Evangelho de João. Nesse trabalho

de aspecto instalativo, uma sequência de blocos de cera de abelha aparecem cravejados de tachinhas e com aberturas semelhantes a chagas abertas, de onde emana um azul oceanico muito vivo. A aparente beleza, construída por meio de um jogo de dourado com azul, acaba revelando muitas das feridas (físicas ou psicológicas) que interpretações fundamentalistas da espiritualidade podem infringir naqueles que a seguem.

Alberto Baraya, por seu turno, constrói uma pintura de sabor levemente academicista, retratando praias e lugares do Rio de Janeiro, porém colocando em destaque animais completamente exóticos e alheios a aquele cenário. O caráter quase romântico do cenário parece entrar em choque com a precisa representação dos seres ali instalados. O ideal e o científico se encontram produzindo cenas carregadas de absurdo.

Capital do Brasil entre 1763 e 1960, o Rio foi o principal cartão de visita do país em um momento no qual este se consolidava enquanto agente geopolítico. Mais que isso, foi possivelmente onde a ideia de Brasil como hoje conhecemos foi gestada (às custas, inclusive, da invisibilização de outras regiões). E, tal como o país que acabou produzindo, desafia muitas vezes a qualquer lógica pré-estabelecida. Sendo assim, diferentes poéticas podem fornecer olhares e modos de perceber uma cidade que, se não é sempre maravilhosa, é deliciosamente complexa.



Alberto Baraya
Águia-pescadora en playa vermelha,
en Pan de Azúcar, Rio de Janeiro, 2018
tinta óleo sobre tela
60 x 80 x 4,5 cm

alberto baraya

n. 1968, Bogotá, Colômbia

vive e trabalha em Bogotá, Colômbia

Alberto Baraya é conhecido por sua produção multimídia, que compreende escultura, instalação, desenho, fotografia e vídeo. O início de sua trajetória artística é marcado por autorretratos irônicos, que partem de reproduções de pinturas emblemáticas ou criam encenações provocadoras. Mais tarde, em 2003, iniciou sua emblemática série *Herbario de plantas artificiales*, baseada na abordagem crítica das práticas dos viajantes europeus nos séculos XVII e XIX.

Em seu trabalho, o artista cria paródias da exploração colonial e de sua repercussão nas relações mundiais contemporâneas, questionando as narrativas consolidadas a partir da sugestão de novas taxonomias, às quais agrega componentes subjetivos, inscreve o debate acerca da identidade e incorpora produtos “residuais” do mercado, como plantas artificiais. O colecionismo das antigas missões científicas ganha, assim, uma roupagem contemporânea.

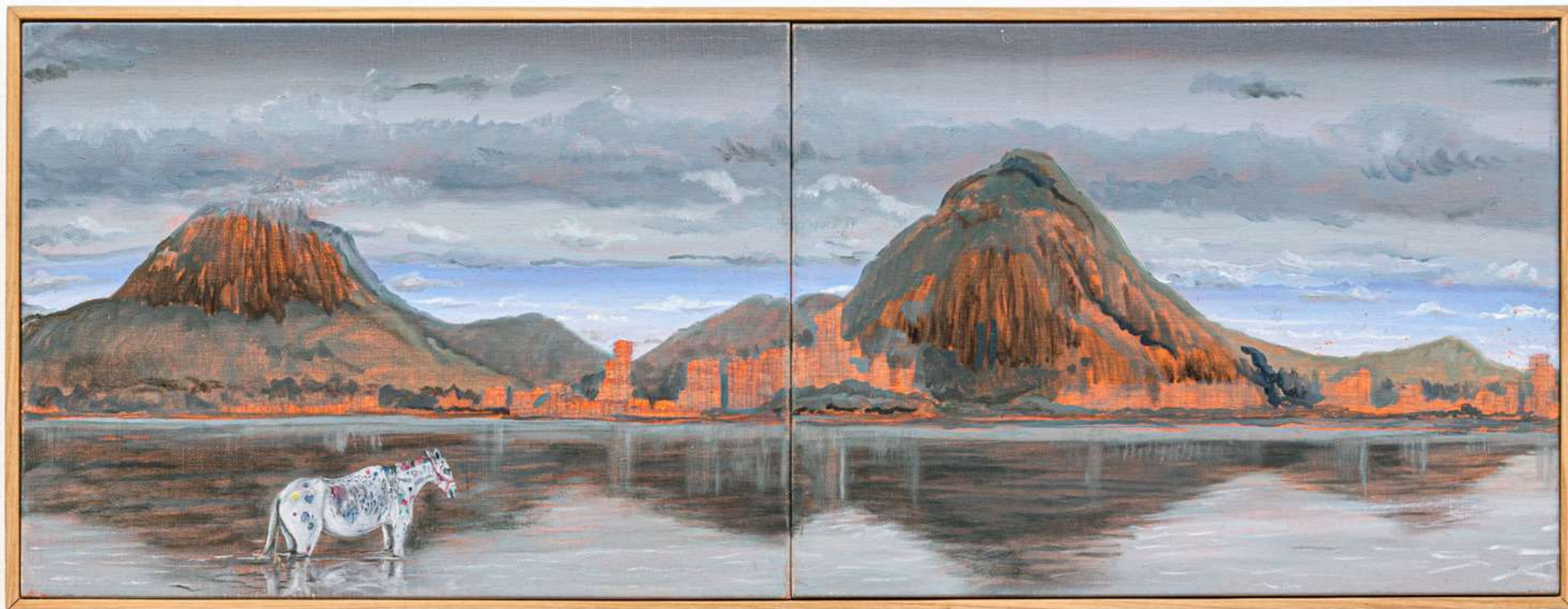




Entre suas mostras individuais recentes, é possível destacar: *Expedición siciliana*, na Galería Fernando Pradilla (2019), em Madri, Espanha; *Alberto Baraya – Estudios comparados de paisaje*, no Espacio Odeón (2017), em Bogotá, Colômbia; *Ornitologia Bolivariana – La fábula de los pájaros*, no Museo Quinta de Bolívar (2015), em Bogotá, Colômbia. Participou das mostras coletivas: *Manifesta 12 Palermo – The European Nomadic Biennial: The Planetary Garden. Cultivating Coexistence*, Palermo, Itália (2018); *Flora*, no Stavanger Kunstmuseum (MUST) (2019), em Stavanger, Noruega; *Modern Nature*, no Drawing Room (2019), em Londres, Reino Unido; *Le bruit des choses qui tombent*, no Frac Provence-Alpes-Côte d’Azur (FRAC PACA) (2017), em Marselha, França; *Botany Under Influence*, no apexart (2016), em Nova York, Estados Unidos; e *Naturaleza nominal*, no Centro de Arte Dos de Mayo (CA2M) (2015), em Madri, Espanha. Suas obras integram várias coleções, tais como: Essex Collection of Art from Latin America (ESCALA), University of Essex, Colchester, Reino Unido; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colômbia; Tamarind Institute, Albuquerque, Estados Unidos.



Alberto Baraya
Hipopotamo en Copacabana:
Expedición Rio de Janeiro, 2018
tinta óleo sobre tela
30 x 40 cm



Alberto Baraya
Caballo (Equus ferus caballus)
en Lagoa, 2018
tinta óleo sobre linho
30,5 x 40 cm





ana hortides

n. Rio de Janeiro, 1989

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Ana Hortides tem como objeto de sua poética o universo doméstico e os significados a ele atrelados. Por meio de uma perspectiva feminina, se debruça sobre signos que ajudam a permear a relação entre corpo e casa, em geral carregados de afetividade e subjetividade, como brinquedos e fotografias de família, como também por elementos que digam respeito a uma realidade mais ampla, como técnicas construtivas da arquitetura vernacular.

Nas palavras da curadora Pollyana Quintella, o trabalho de Hortides: “busca fundir as linhas de uma paisagem geopolítica e os contornos íntimos da casa; a gramática visual do subúrbio carioca e a dimensão afetiva incontornável de quem está se alimentando das próprias memórias como matéria-prima de trabalho. Falamos, portanto, de um trânsito entre o individual e o coletivo, entre identidade de classe e singularidade pessoal”.

Ana Hortides
*Cortina vermelhona com
criaturinha, série Casa 15, 2022*
cimento, pigmento e resina
acrílica sobre tela, concreto
e cerâmica
310 x 170 x 46 cm



Ana Hortides
Caquinhos (rodapé),
da série *Casa 15*, 2022
concreto e cerâmica
8 x 90 x 12 cm





Dentre suas exposições individuais, se destacam: *Cômodo*, no SESC São João de Meriti, em São João de Meriti, Rio de Janeiro (2023); *Dona*, na Arte Fasam Galeria, São Paulo (2023); *Fundação*, na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte (2022) e *Casa de Infância*, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro (2016). Dentre suas principais exposições coletivas se encontram: *Outras Imaginações Políticas*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Centro de Artes da Maré, no Rio de Janeiro (2022); *Nunca foi sorte*, na Central Galeria, São Paulo (2022); *Rebu*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro (2022); *Casa Carioca*, no Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro (2020) e *Passeata*, na Galeria Simone Cadinelli (2019). Seu trabalho integra as coleções do Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, do Museu de Arte Contemporânea de Britânia, Britânia, Brasil e do Acervo Rotativo, São Paulo, Brasil.



Ana Hortides
Retrato, da série
Casa 15, 2023
cimento, pigmento
e resina acrílica sobre tela
50 x 30 x 2,5 cm



andré griffo

n. 1979, Barra Mansa, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

André Griffo demarca sua prática artística – permeada por esculturas, instalações e sobretudo pinturas – a partir da estratégia de relacionar os espaços por ele apropriados com referências históricas e contemporâneas. O artista volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Griffo nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes, refletindo em sua obra as muitas violências que dão corpo às narrativas hegemônicas da história do Brasil e suas ruínas. Discute, por exemplo, as permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira e os mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis. A produção de Griffo perpassa o documental e o ficcional; com a sobreposição de tempos e realidades, seus trabalhos permitem expor os pensamentos dos indivíduos de uma determinada sociedade, seus valores e mudanças, e, em certas ocasiões, testemunhar a imutabilidade das coisas.

André Griffo

Deus talvez seja meu ditador favorito, 2023

tinta óleo e folha de ouro sobre compensado naval

228 x 150 x 5 cm

Entre suas principais exposições individuais destacam-se: *Voarei com as asas que os urubus me deram*, na Galeria Nara Roesler, São Paulo (2022); *Objetos sobre arquitetura gasta*, no Centro Cultural São Paulo, São Paulo (2017) e *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte (2015). Também apresentou obras em mostras coletivas como: *Parada 7 Arte em Resistência*, no Centro Cultural da Justiça Federal RJ, Rio de Janeiro (2022); *Casa Carioca*, no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro (2020); *Sobre os ombros de gigantes*, na Galeria Nara Roesler, Nova York (2021); 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, no Sesc 24 de Maio, São Paulo (2019); *Ao amor do público*, no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro (2015); *Aparições na Caixa Cultural*, Rio de Janeiro (2015); e *Instabilidade estável*, no Paço das Artes, São Paulo (2014). Em 2019 foi contemplado com a bolsa Marin Community Foundation Fellowships para a residência Vermont Studio Center, EUA e em 2013 foi bolsista no Programa de Aprofundamento da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, ministrado pelos professores Anna Bella Geiger, Fernando Cocchiarale e Marcelo Campos. Suas obras integram coleções públicas e privadas, tais como: Denver Art Museum, Denver, EUA; Kistefos Museum, Jevnaker, Noruega; Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil; Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil e Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil.



arthur chaves

n. 1986, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Arthur Chaves dedica-se ao desenho em suas múltiplas acepções e produz obras que conciliam pintura, desenho e costura em peças de tecido sem forma definida e rígida. Seu trabalho caminha em uma linha tênue entre instalação, pintura e desenho, utilizando-se de uma profusão de matérias como o tecido, o plástico e dejetos industriais; encontram-se no limiar entre o concluído, o arrematado, e o processo aberto, em constante transformação.

Entre suas exposições individuais, se destacam: *Canastra da Emilia*, na Galeria Superfície, em São Paulo (2019); *Tem uma bruxa no quintal*, na Anita Schwartz Galeria de Arte, no Rio de Janeiro (2018) e *Três Marias*, na Casamata, Rio de Janeiro (2013). Integrou também coletivas, como: *Disfuncional*, na Galeria Jaqueline Martins, em São Paulo (2021); *Dicke Luft*, na Galerie Bernhard, em Zurique, Suíça (2019); *Transformers*, no Auroras, em São Paulo (2018); *Arte Atual Festival: Demonstração por Absurdo*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo (2018); *Pavilhão*, na Casa França Brasil, Rio de Janeiro (2016) e *Symphony of Hunger*, na The School of Curatorial Studies, em Veneza, Itália (2015).

Arthur Chaves
Sem título, 2024
costura, tecido e papel
490 x 110 x 30 cm

Arthur Chaves
Sem título, 2024
costura, tecido e papel
490 x 120 x 20 cm





celo moreira

n. Rio de Janeiro, 1995

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Artista visual autodidata, Celo Moreira (n. Rio de Janeiro, 1995) tem como objetivo de seu trabalho ilustrar, segundo suas próprias palavras: “as diversas facetas do submundo carioca, seu eterno clima festivo, que esconde sua contradição de cidade violenta, caótica, carnavalesca, hipócrita e estranhamente maravilhosa”. Sua pintura é marcada por um enorme acúmulo de signos e símbolos da cultura de massa presentes no dia a dia do Rio de Janeiro, como letreiros de comércio popular, mascotes de marcas, igrejas neopentecostais, mesas de bares, latas de cerveja, slogans de políticos, embalagens de produtos e personagens midiáticos.

Já realizou a exposição individual *Gororobas*, na Galeria Belizário, em São Paulo (2022). Integrou também as exposições coletivas *Abre Alas*, na Gentil Carioca, no Rio de Janeiro (2023) e *Brasil Delivery*, no Espaço Travessia, no Rio de Janeiro (2021).



Celo Moreira
Fofuras (série sabor
brasileiro), 2024
tinta acrílica e PVA
sobre tecido algodão cru
121 x 104 cm



elian almeida

n. 1994, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Elian Almeida tem como principal objeto de sua poética a produção de uma cultura visual ligada a ideia de negritude no Brasil, sobretudo por meio do campo pictórico. Com uma abordagem decolonial, recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e a divulgação da historiografia afro-brasileira. Visando contornar a ausência de referências negras em nossa cultura visual, revisita diversos tipos de imagens, que vão desde pinturas históricas e gêneros consagrados, como o retrato, até aquelas presentes em nosso dia a dia, como capas de revistas e cenas do noticiário. Por meio de poderosas referências negras, individuais ou coletivas, ajuda a propor outras possibilidades de se estar no presente e de projetar futuros possíveis.



Elian Almeida
Ismael Silva (Casa Vogue), 2024
tinta acrílica e óleo sobre tela
125 x 157 cm



Suas exposições individuais consistem em: *Pessoas que eram coisas que eram pessoas*, na Nara Roesler de São Paulo (2023), e *Antes – agora – o que há de vir*, na Nara Roesler (2021), no Rio de Janeiro, Brasil. Seus trabalhos estiveram presentes em diversas coletivas, entre elas: *Encruzilhadas da Arte afro-brasileira*, no Centro Cultural Banco do Brasil (2023), *Brasil Futuro: as formas da democracia*, no Museu Nacional da República, em Brasília, Brasil (2023), *Quilombo: vida, problema e aspirações do negro*, no Instituto Inhotim (2022), Brumadinho, Brasil, *Atos de revolta*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) (2022), no Rio de Janeiro, Brasil. *Crônicas cariocas*, no Museu de Arte do Rio (MAR) (2021), no Rio de Janeiro, Brasil; *Enciclopédia negra*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2021), em São Paulo, Brasil; e no Museu de Arte do Rio (MAR) (2022), no Rio de Janeiro, Brasil; *Amanhã há de ser outro dia / Demains sera un autre jour*, no Studio Iván Argote e no *Espacio Temporal* (2020), em Paris, França; entre outras. Seu trabalho integra as coleções do Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil, da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, e do Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil.



jaime lauriano

n. 1985, São Paulo, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Jaime Lauriano, por meio de vídeos, instalações, objetos e textos, revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira, tensionando-os a partir de proposições críticas capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, com especial perversidade, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

Jaime Lauriano
Pedras portuguesas #16
(*Valongo*), 2023
pedras portuguesas,
caixa de ferro e cimento
10 x 100 x 150 cm



Jaime Lauriano vive e trabalha em São Paulo. Suas exposições individuais incluem: *Aqui é o Fim do Mundo*, no Museu de Arte do Rio (MAR) (2023), no Rio de Janeiro, Brasil; *Paraíso da miragem*, em colaboração com silêncio coletivo, na Kubik Gallery (2022), em Porto, Portugal; *Marcas*, na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) (2018), em Recife, Brasil; *Brinquedo de furar moletom*, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói) (2018), em Niterói, Brasil; *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ) (2015), no Rio de Janeiro, Brasil; e *Impedimento*, no Centro Cultural São Paulo (CCSP) (2014), em São Paulo, Brasil. Lauriano apresentou trabalhos na *El Dorado: Myths of Gold*, no Americas Society, Nova York, EUA (2023), no 37º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2022); e na 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018). Participação em exposições coletivas incluem: *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023), *Social Fabric: Art and Activism in Contemporary Brazil*, Visual Arts Center, The University of Texas, Austin, EUA (2022); *Histórias brasileiras*, no Museu de Arte de São Paulo (MASP) (2022), em São Paulo, Brasil; *Afro-Atlantic Histories*, no National Gallery of Art (2022), em Washington DC, Estados Unidos e no Museum of Fine Arts (MFAH) (2022), em Houston, Estados Unidos; *Quem não luta tá morto – arte democracia utopia*, no Museu de Arte do Rio (MAR) (2018), no Rio de Janeiro, Brasil; *Levantes*, no SESC Pinheiros (2017), em São Paulo, Brasil; *Territórios: Artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2015), em São Paulo, Brasil. Seus trabalhos podem ser encontrados em coleções institucionais, tais como: Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil e Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil.





VALONCO

O QUE EU VEJO

marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de objetos, esculturas, instalações, fotografias, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.



Marcos Chaves
Maracanã, 2016
mídia digital
edição de 5 + 2 PA
4'24" (looping)



Algumas de suas mostras individuais recentes incluem: *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) (2021), no Rio de Janeiro, Brasil; *Marcos Chaves no MAR*, no Museu de Arte do Rio (MAR) (2019), no Rio de Janeiro, Brasil; *Eu só vendo a vista*, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói) (2017), no Rio de Janeiro, Brasil; *Marcos Chaves*, na Carpe Diem Arte e Pesquisa (2016), em Lisboa, Portugal, e *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, no Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), em Burgos, na Espanha.

Apresentou trabalhos na 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), 54ª Venice Biennale, Itália (2011); *Manifesta 7*, Itália (2008), e também nas coletivas: *Utopias e distopias*, no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA) (2022), em Salvador, Brasil; *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) (2019), Rio de Janeiro, Brasil; *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci (2018), Prato, Itália; *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum (2017), Pequim, China; *Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture*, Museum Beelden aan Zee (2016), Haia, Países Baixos.

Suas obras integram as coleções do: Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha; Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil; The Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA.

priscila rooxo

n. 2001, Rio de Janeiro, Brazil

O trabalho de Priscila Rooxo é uma reflexão sobre questões territoriais, de gênero e de classe que se fazem presentes na baixada fluminense, onde vive, e é uma região conhecida pelos altos índices de violência e criminalidade e pela falta de serviços e infra-estruturas básicas. A partir de uma prática ativista e crítica, as pinturas de Priscila Rooxo exploram temas como: pobreza, maternidade, exclusão social, o reconhecimento do papel da mulher na sociedade, o corpo periférico e sua relação com as noções de pertencimento social e visibilidade para subverter classificações e distinções culturais habituais, nomeadamente entre cultura erudita e cultura de massa. Sua prática é visivelmente influenciada pelo grafite e pelas manifestações culturais comumente associadas à periferia do Rio de Janeiro.

Já realizou as exposições individuais:

Protagonizando a cena, na Galeria Francisco Fino, em Lisboa, Portugal (2023) e *A mãe tá on*, na Art Sampa, São Paulo, Brasil (2022). Também participou das coletivas: *Funk: um grito de ousadia e liberdade*, no Museu de Arte do Rio (MAR), no Rio de Janeiro (2023); *Histórias Brasileiras*, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em São Paulo (2022); *Elas da Baixada*, no SESC Nova Iguaçu, em Nova Iguaçu, Brasil (2019) e *Vynyl Vandals*, no C'mon Everybody, em Nova York, EUA (2016).



Priscila Rooxo
A mãe tá on, 2023
impressão a jato de tinta
sobre a taça de gin de vidro
edição de 3 + PA
10 x 10 cm



Priscila Roexo
Geografia popular, 2024
acrílica sobre tela
140 x 200 x 6 cm



Raul Mourão
4 garrafas, 2017
aço 1020 com resina sintética
e garrafas de vidro
46 x 44 x 44 cm



raul mourão

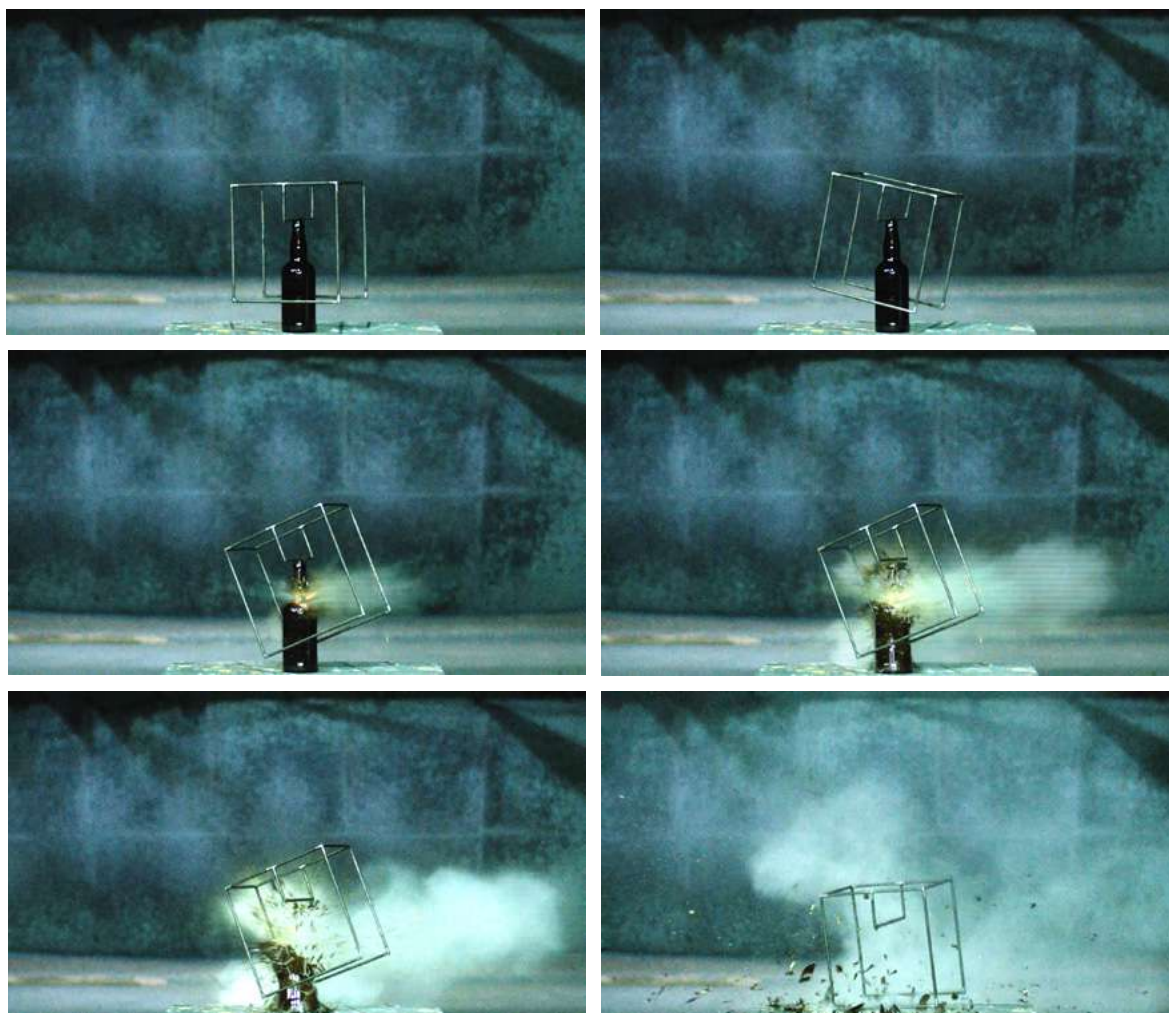
n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Raul Mourão, expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou, em 1989, os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, essa pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências utilizadas para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece, por meio dessas obras, uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.





Entre suas principais exposições individuais e projetos solo recentes, destacam-se: *Empty Head*, na Nara Roesler (2021), em Nova York, Estados Unidos; *Fora/Dentro*, no Museu da República (2018), no Rio de Janeiro, Brasil; *Você está aqui*, no Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE) (2016), em São Paulo, Brasil; *Please Touch*, no Bronx Museum (2015), em Nova York, Estados Unidos; *Tração animal*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) (2012), Rio de Janeiro, Brasil; *Toque devagar*, na Praça Tiradentes (2012), no Rio de Janeiro, Brasil. Entre as coletivas recentes, encontramos: *Utopias e distopias*, no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA) (2022), em Salvador, Brazil; *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, no Museu de Ecologia e Escultura (MuBE) (2019), em São Paulo, Brasil; *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, na Oca (2017), em São Paulo, Brasil; *Mana Seven*, no Mana Contemporary (2016), em Miami, Estados Unidos; *Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture*, no Museum Beelden Aan Zee (2016), em Haia, Países Baixos; Bienal de Vancouver 2014–2016, Canadá (2014). Seus trabalhos figuram em coleções de importantes instituições, tais como: ASU Art Museum, Tempe, Estados Unidos; Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil; Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil.

Raul Mourão
Bang Bang #1, 2017
vídeo digital e faixa estéreo
edição de 5 + 1 PA
5'38" (looping)



vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Nova York, Estados Unidos,
e Rio de Janeiro, Brasil

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.



Vik Muniz
Dinheiro Vivo: Praia Rodrigues,
a partir de *Johann Moritz Rugendas*, 2022
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
101,6 x 134,4 cm



Exposições individuais recentes incluem: *Fotocubismo*, na Nara Roesler (2021), em São Paulo, Brasil; *Vik Muniz*, no The Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design (2019), em Sarasota, Estados Unidos; *Imaginária*, no Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA) (2019), em Salvador, Brasil; *Vik Muniz: Verso*, no Belvedere Museum Vienna (2018), em Viena, Áustria; *Afterglow – Pictures of Ruins*, no Palazzo Cini (2017), em Veneza, Itália. Participou de inúmeras bienais, como a 56ª Venice Biennale, Itália (2015), e a 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998), entre outras. Algumas das mostras coletivas de que participou são: *Naar Van Gogh*, no Vincent van GoghHuis (2018), em Zundert, Países Baixos; *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, no Beijing Minsheng Art Museum (2017), em Beijing, China; *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, no Pera Museum (2017), em Istambul, Turquia; *Botticelli Reimagined*, no Victoria & Albert Museum (2016), em Londres, Reino Unido. Suas obras integram acervos como: Centre Georges Pompidou, Paris, França; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha; Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos; Tate Gallery, Londres, Reino Unido; Whitney Museum of American Art, Nova York, Estados Unidos.

yohana oizumi

n. 1989, Rubiataba, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Yohana Oizumi prioriza em seus estudos a vivência e a observação da transformação de materialidades e de si mesma. Através da instalação, performance, desenho, pintura e escultura ela propõe provocações de possíveis leituras críticas a respeito de projeções sensoriais da desconstrução e ritualização de aspectos do sagrado. Nas palavras da artista: “A performance atravessa minha reflexão e

experiência de trabalho, o que influencia meus desenhos, pinturas, instalações e esculturas. Desconstruir, reconstruir, são as principais diretrizes que movem minha prática artística, em um embate com a argila, metal, vidro, madeira, e outros materiais. Evoco o que julgo sagrado e subversivo para elucidar a libertação do corpo até a exaustão e transformação do que pretendo honrar e ritualizar”.

Já realizou a exposição individual: *Do Pó ao Pulso*, na Galeria Babel, em São Paulo (2022) e integrou as coletivas: *Na Planta: Ocupação*

no prédio da General Jardim, em São Paulo (2023); *O que Ancora*, na Samba Galeria, no Rio de Janeiro (2023); *We must take action: XXII Bienal Internacional de Arte de Cerveira*, na Vila Nova de Cerveira, em Portugal (2022); *O Encontro é um lugar possível*, no Centro Cultural dos Correios, São Paulo (2022); Festival Internacional de VideoArt de Camaguey, em Camaguey, Cuba (2021) e *Color 2021*, no Cica Museum Seoul, em Seoul, Coréia do Sul.



Yohana Oizumi
Verbo, 2023
tachinhas de metal e pigmento
sobre cera de abelha
30 x 25 x 5 cm



nara roesler

são paulo

avenida europa 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art